

PREÂMBULO

NO FIO DA ESPADA

Damos, de forma geral, excessiva importância aos nossos problemas, episódios que nos marcaram e/ou marcam a existência, decepções, questionamentos, fatos e eventos que julgamos dolorosos. “Viver é como caminhar no fio da espada”, dizem os orientais. “Viver é perigoso”, afirmou o nosso mágico Guimarães Rosa. “Obter o pão com o suor do próprio rosto”, diz-nos ainda o Gênesis, como consequência da queda adâmica no Éden.

Frequentemente, fazemo-nos de vítimas, cultivamos e remoemos ofensas do passado, fazemos de nossas dores emocionais e/ou físicas um calvário interno, transformando-nos em cúmplices ou até mesmo algozes de nós mesmos. Somos condicionados a culpar o outro, a tudo e a todos, por nossos sofrimentos, frustrações ou ainda – para se evitar um exame mais apurado de consciência, de não assumirmos nosso passado – em nos camuflarmos, em fingir que não é conosco, de que somos apenas e tão somente vítimas.

Os Mestres de todos os tempos, de todas as culturas, pregam-nos o perdão, o desapego, a superação das mágoas como formas de crescimento, de reprocessamento existencial, de ascese espiritual. Abandonar à beira da estrada todo peso inútil, que nos impede ou nos atrasa a jornada. Somos seres desejan-tes, delirantes, por vezes – dinheiro, posses, fama, casamento, sucesso, filhos, títulos – e fazemos disso, dentro da cultura ocidental hedonista e voluntariosa, o leit-motiv, o objetivo principal e irremovível da existência.

Excedemo-nos assim nas expectativas, nos compromissos assumidos, nas fantasias, em metas ego-cêntricas, narcisistas – em suma, válidas, legítimas até – mas, para nossa surpresa ou indignação, a vida não nos corresponde. Lutamos, incentivamos, colocamos todos os propósitos e desejos a serem satisfeitos, e eis, via de regra, insucessos, decepções, traumas. Sinal de que todo projeto humano é falível, míope ante as Determinações e Itinerário Divinos. Dificuldades são medidas para nossa superação e instrumentos de expansão de nossa Infinitude, de nossa transcendência e que passam primordialmente pela humildade, pela renúncia. Vicissitudes materiais e humanas são importantes, senão sublimes lições, permitindo-nos o saneamento e o revigoramento do ser, lembrando que tudo o que acumulamos em termos egoísticos e personalistas, em nada nos servirão em outras dimensões, a nível ético-espiritual, onde a única moeda corrente são o amor, a generosidade, a fraternidade. Vestes de púrpura, túnicas longas aqui egoisticamente confeccionadas, exibidas em pompa pelas ruas e tribunas, tornam-se andrajos e nudez espiritual em nossa passagem para outros portos...

Parteiras

Há milênios elas se dedicam a uma função nobre: trazer pequenos seres humanos à luz. Nesta edição, o professor, pesquisador e escritor Marcus Santiago fala sobre Parteiras de São Tiago, mulheres que cumpriram “a missão com amor, caridade e gratuidade”.

página 03

Hmmm... queijo!

Minas Gerais e queijo devem ser sinônimos em algum dicionário. Mas enquanto não provamos essa teoria, se delicie com um roteiro queijeiro explicando detalhadamente origens, sabores e processos de fabricação da iguaria no Estado.



Pág. 06

Carlos Soares de Almeida

A vida e a música do são-tiaguense notável desta edição. “Nas noites de sexta, sábado e domingo por muito tempo ele e mais músicos da cidade animavam o final de semana dos trabalhadores e idosos com os animados forrós. Pessoas de todos os bairros da cidade vinham para dançar no salão da Sede Operária”.

Pág. 09

Respeitável público

Em artigo colaborativo para o Sabores & Saberes, Maria Elena Caputo de Castro narra sobre a inocência e a ansiedade da criança são-tiaguense à espera do mais importante desembarque por aquelas bandas: o do circo.

Pág. 16

ADIVINHAS

- 1- Numa quarta-feira André foi à caça, numa quinta-feira, matou um coelho, numa sexta levou para a casa e no dia seguinte o coelho. Em que dia da semana André comeu o coelho?
- 2- O que o Cebolinha faz quando dorme?
- 3- O que é que se planta com as mãos e colhe-se com os olhos?

Respostas: 1- sexta-feira, 2- lonca, 3- carta

Provérbios e Adágios

- CASAMENTO é como pneu, quando enche estoura.
- CIÚME eu teria se amor eu tivesse.
- COM DEUS no meu caminho eu chego.
- COM quatro rodas rodando ganho a vida viajando.
- CORAÇÃO é motor sem fâisca não pega.
- CORRENDO, só quem ganhou dinheiro foi Ayrton Senna.
- CORRO menos para te ver mais.
- CRENDO EM DEUS, o feliz não abusa e o infeliz tem esperança.

Para refletir

- A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida. *(Vinícius de Moraes)*
- O maior de todos os erros é não se fazer coisa alguma pelo fato de só se poder fazer pouco. Faça o que lhe for possível. *(Sydney Smith)*
- A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo que seus animais são tratados. *(Mahatma Gandhi)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA REVIRAVOLTAS QUE A VIDA DÁ

Era mercador de gado, proprietário de várias fazendas que iam se ampliando a olhos vistos, ano após ano. Vivaldino nos negócios, passador de manta, homem de mil artifícios e matreirices. Tinha, por hábito, enquanto conversava, rodopiar o surrado chapéu, dando “chapeladas” no ar, como que espantando fantasmas, enquanto soltava ao vento grossas e fétidas baforadas de fumo de rolo. A barba grisalha, magérrimo, roupas de brim encarquilhadas, a se movimentar, qual uma folha solta ao vento do outono.

Dele se dizia “uma raposa das mais lanhudas”. Um onzenário. Unha de fome. Toda a receita produzida era para ampliar negócios. Os recursos amealhados, à custa de mil espertezas e de agiotagem brava, serviam-lhe para adquirir terras e mais terras, muitas delas usurpadas de infelizes moradores que lhe caíram nas garras. A mulher e filhos vivendo às moscas. Roupas usadas pelos filhos e esposa de pano grosseiro, trazendo desconforto, constrangimentos junto à família e sociedade. Calçados de ínfima qualidade. Lazer, cultura, educação eram-lhe motivos de imprecensões. Nenhuma contribuição de vulto para as obras sociais mantidas pela paróquia ou outras instituições assistenciais. Estudos regulares para os filhos somente os gratuitos, ministrados pelo Estado naqueles tempos até o primário (hoje 5ª série do ensino fundamental). Mesmo assim, com muita má vontade, dado a escravizar os filhos, ainda crianças, em serviços brutos no manejo de currais, pastoreio de gado, lavouras, a todos tratando como serviçais. Vivía, enfim, em função de lesar e acumular, reunindo invejável patrimônio, levando, todavia, existência mesquinha, avara.

Dentre as suas vítimas, havia pequeno sitiante das redondezas que, embora lutando contra todas as adversidades próprias da atividade rural, dedicava-se de corpo e alma a educar os filhos. Assim, encerrado o curso primário (ou grupo escolar, como se dizia), matriculava-os no ginásio local, mantido, a duras penas, pela paróquia e comunidade. Os filhos sempre ajudando nas horas vagas na lide do sítio. Concluído o chamado 1º grau, eis nosso valoroso agricultor se esforçando, encaminhando-os para a cidade próxima onde tinha curso normal ou científico (2º grau), onde todos se formavam com primoroso destaque. Dali para a capital, a fim de cursarem faculdade. Vira e mexe, o laborioso sitiante tinha que dispor de algumas reses para custear os estudos dos rebentos. Dinheiro para pensão, livros, pequena mesada para um cinema ou um sorvete, alguns deles já com namoros e floreios próprios da idade. O único comprador de gado era o conhecido sovina, que aproveitava não só no misero preço por arroba, mas para ridicularizar o humilde sitiante, num linguajar estropiado e bárbaro: - Bobêra, xê estudá fio... O que manda no mundo é terra, dinêro na gibeira como eu...

A dedicação dos pais, a formação digna recebida no lar modesto, serviram de moedas valiosas, multiplicadas e valorizadas pelos jovens, permitindo-lhes, desde cedo, enfrentar desafios, a empreender com vigor e destemor a jornada da vida, unindo trabalho, educação e sólidos valores cívicos e cristãos. Para prosseguir os estudos e ajudar os pais nas dispendiosas despesas nos centros maiores, trabalhavam nos momentos livres como garçons, plantonistas, vendiam queijos, quitandas, mel que a mãe enviava do sítio, seja entre colegas de faculdade, seja de casa em casa, um quiosque na rua ou na porta de fábricas. Não perdiam oportunidades, adquirindo com isso o respeito dos colegas e da vizinhança onde moravam. Formaram-se, com o tempo, nas mais diversas áreas: um em medicina, uma em veterinária, outro em bioquímica, a outra em economia.

Retornando ao interior, atuando em suas atividades profissionais, os filhos foram amealhando considerável fortuna, sendo hoje proprietários das terras, que, no passado, pertenceram ao “sovina” que fazia chacotas de seu pai e deles pelo fato de estudarem...

Mundo que dá voltas!...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



PARTEIRAS DE NOSSA HISTÓRIA

Todas as profissões que temos no mundo tem sua importância para a humanidade. Porém existe uma que foi e é em alguns lugares, onde não há o acompanhamento direto de um profissional da saúde para auxiliar durante o pré-natal e nascimento do bebê, uma das mais importantes: a profissão de parteira. As parteiras fazem parte da história da humanidade há milênios.

Muitas delas merecem destaque por terem tido essa missão nobre e significativa em nossas comunidades. Ofício singular aprendido com antepassadas no nascimento das crianças e no cuidado com as mães durante e depois do parto. Muitas delas faziam verdadeiros milagres no nascimento de crianças com partos difíceis e outras complicações. Havia várias diferenças de um parto para o outro. Quando o caso era muito difícil e não havia recursos sobrevivia a mãe ou bebê. Mas as parteiras com suas experiências pessoais tentavam de tudo para que ocorresse tudo bem. Além da prática, muitas usam plantas medicinais, chás, simpatias, superstições e orações para auxiliar no nascimento das crianças.

Em nossa comunidade tivemos mãos abençoadas e amigas que ajudaram dar a luz a muitas crianças são elas: D. Porcina, D. Bernarda, D. Ritinha da Paga, D. Maria Luzia de Almeida, D. Maria Rita, e a saudosa e grande voluntária na comunidade e no Hospital São Vicente de Paulo, D. Maria Luiza Vivas.

Todas elas não mediam esforços para socorrer as mulheres no momento de dar à luz um filho seu. As que não temos registros desse trabalho e as que são destaque percorriam lugares distantes a pé ou eram buscadas a cavalos para ir até as roças, sítios. Enfrentavam o frio, o sol, chuvas com abnegação para cumprir a missão a qual receberam do Criador. Algumas levavam consigo alguns objetos que seriam simples para o trabalho de parto. Tesoura, carretel com linha, panos limpos, toalhas, remédios caseiros ou que ajudasse na assepsia, além de muito boa vontade e com coração cheio de fé e luz para que corresse tudo bem. Em outros momentos pedia aos donos da casa que preparassem uma bacia com jarro d'água, sabão, e quando não tinha luz elétrica, pediam lamparina, lampião ou vela. Quando tinham condições havia ali roupinhas costuradas em casa por pessoas que tinham esse ofício, não tinha lojas. Lavadas com grande esmero e passadas com ferro a brasa, as vezes, de flanela azul ou rosa ali dobradinha nas antigas arcas de madeira. Maridos ali do lado apreensivos sem saber o que fazer. Noutro quarto as crianças fechadas



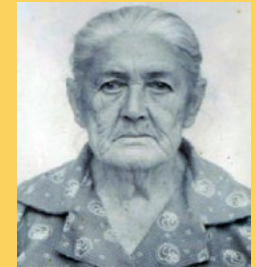
D. PORCINA



D. MARIA LUÍZA



D. MARIA LUZIA



D. MARIA RITA

com alguém da família ou na casa de seus avós para não saber de todo aquele processo do nascimento de um novo filho, um irmãozinho.

Era um verdadeiro desafio para as parteiras, não sabia o que viria pela frente, situações de medo, insegurança tomavam conta das parteiras, pois não sabiam como era o estado de saúde da parturiente e muito menos de como seria o parto. Ouviam-se gritos de angústia da mãe quando o parto estava complicado. As parteiras faziam muita força e massagens mirabolantes quando a criança estava “virada”. Havia muitas situações de risco, mas na maioria das vezes, tinha final feliz é o “choro alto” era ouvido depois dos famosos tapinhas no bumbum. Todos rezavam e suavam juntos! Muitas dessas guerreiras tinham experiências significativas e, sobretudo, a sensibilidade, a sabedoria e sentimentos para compreender sinais e estados das gestantes. Ajudavam-nas até a compreender as situações que poderiam vir caso o parto tivesse uma grande complicação e o bebê viesse a morrer ou ficar com sequelas. Eram verdadeiras “doutoras”!

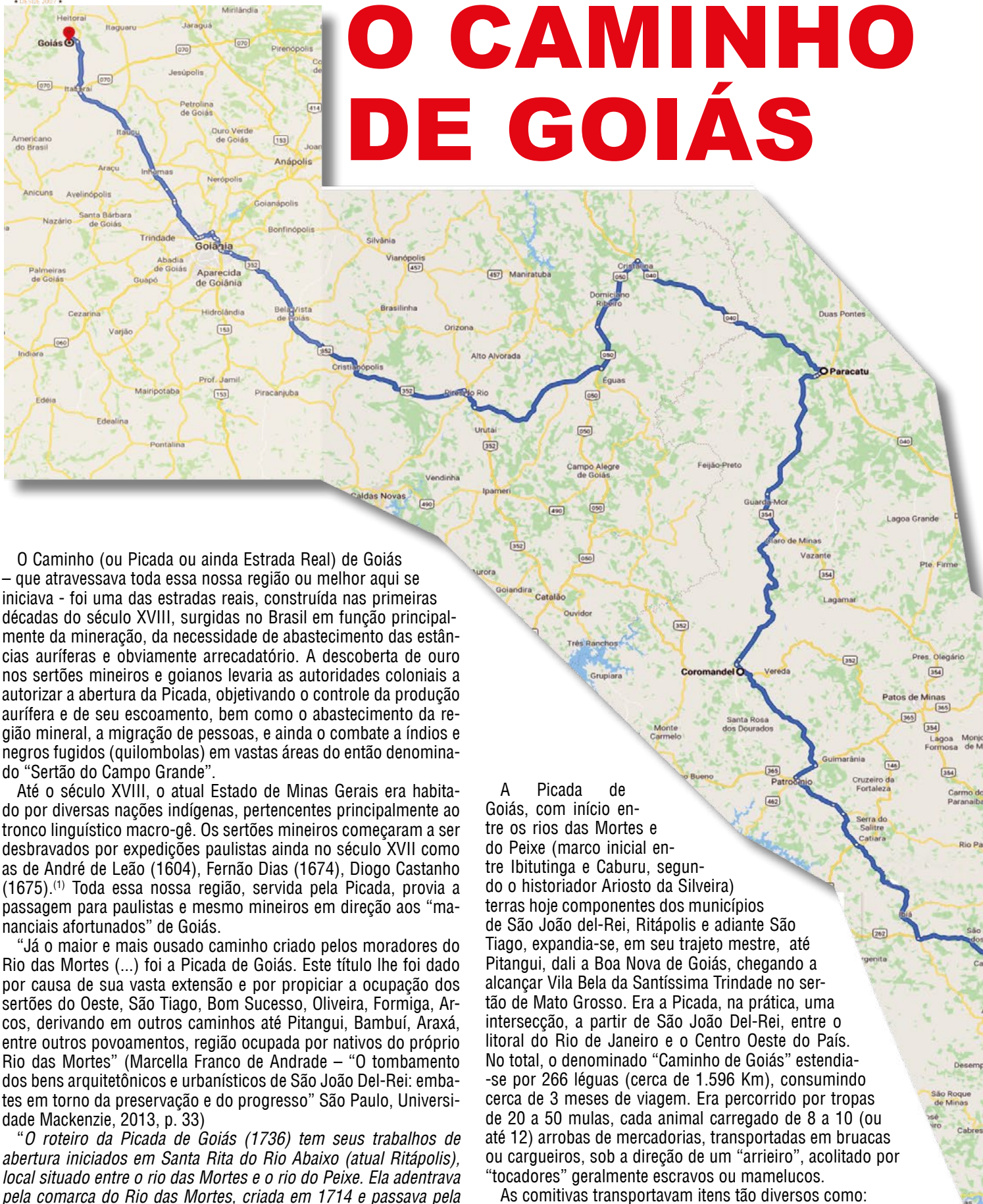
Hoje sabemos que é de direito constitucional garantido a assistência a saúde de todos, sobretudo, das gestantes dar à luz em hospitais. Mas, ainda existe até hoje o trabalho das parteiras nesse nosso grande Brasil, onde permeado por desigualdades, o acesso é difícil para adentrarem profissionais da saúde para assistir a população. Com isso em vilarejos, comunidades rurais distantes no caso das parteiras são elas ainda as responsáveis na contemporaneidade por ajudar as mulheres darem a luz.

Às parteiras de nossa terra imorredoura gratidão por terem cumprido a missão com amor, caridade e gratuidade!

No mesmo decurso de nossa história também exerceu o ofício de parteiro em momentos de necessidade o saudoso Capitão João Pereira. Exemplo foi o parto do Padre Tiaguinho (Pe. Tiago de Almeida) assistido por ele.

Marcus Santiago
Membro do IGHST

O CAMINHO DE GOIÁS



O Caminho (ou Picada ou ainda Estrada Real) de Goiás – que atravessava toda essa nossa região ou melhor aqui se iniciava - foi uma das estradas reais, construída nas primeiras décadas do século XVIII, surgidas no Brasil em função principalmente da mineração, da necessidade de abastecimento das estâncias auríferas e obviamente arrecadatório. A descoberta de ouro nos sertões mineiros e goianos levaria as autoridades coloniais a autorizar a abertura da Picada, objetivando o controle da produção aurífera e de seu escoamento, bem como o abastecimento da região mineral, a migração de pessoas, e ainda o combate a índios e negros fugidos (quilombolas) em vastas áreas do então denominada “Sertão do Campo Grande”.

Até o século XVIII, o atual Estado de Minas Gerais era habitado por diversas nações indígenas, pertencentes principalmente ao tronco linguístico macro-gê. Os sertões mineiros começaram a ser desbravados por expedições paulistas ainda no século XVII como as de André de Leão (1604), Fernão Dias (1674), Diogo Castanho (1675).⁽¹⁾ Toda essa nossa região, servida pela Picada, provia a passagem para paulistas e mesmo mineiros em direção aos “mananciais afortunados” de Goiás.

“Já o maior e mais ousado caminho criado pelos moradores do Rio das Mortes (...) foi a Picada de Goiás. Este título lhe foi dado por causa de sua vasta extensão e por propiciar a ocupação dos sertões do Oeste, São Tiago, Bom Sucesso, Oliveira, Formiga, Arcos, derivando em outros caminhos até Pitangui, Bambuí, Araxá, entre outros povoamentos, região ocupada por nativos do próprio Rio das Mortes” (Marcella Franco de Andrade – “O tombamento dos bens arquitetônicos e urbanísticos de São João Del-Rei: embates em torno da preservação e do progresso” São Paulo, Universidade Mackenzie, 2013, p. 33)

“O roteiro da Picada de Goiás (1736) tem seus trabalhos de abertura iniciados em Santa Rita do Rio Abaixo (atual Ritópolis), local situado entre o rio das Mortes e o rio do Peixe. Ela adentrava pela comarca do Rio das Mortes, criada em 1714 e passava pela comarca do Rio das Velhas, também criada em 1714. Foi a partir do ponto de abertura que a distribuição das sesmarias foi iniciada, sendo a primeira assinada em 29 de março de 1737 no nome de Roque de Souza. A concessão foi no rio do Peixe chegando ao riacho da Barra” (Ana Maria Nogueira Rezende – “Fluxos Globais no século XVIII – a produção do modus vivendi e operandi no entorno da Estrada Real Picada de Goiás” BH, UFMG, 2017, p. 78)

A Picada de Goiás, com início entre os rios das Mortes e do Peixe (marco inicial entre Ibitutinga e Caburu, segundo o historiador Ariosto da Silveira) terras hoje componentes dos municípios de São João del-Rei, Ritópolis e adiante São Tiago, expandia-se, em seu trajeto mestre, até Pitangui, dali a Boa Nova de Goiás, chegando a alcançar Vila Bela da Santíssima Trindade no sertão de Mato Grosso. Era a Picada, na prática, uma intersecção, a partir de São João Del-Rei, entre o litoral do Rio de Janeiro e o Centro Oeste do País. No total, o denominado “Caminho de Goiás” estendia-se por 266 léguas (cerca de 1.596 Km), consumindo cerca de 3 meses de viagem. Era percorrido por tropas de 20 a 50 mulas, cada animal carregado de 8 a 10 (ou até 12) arrobas de mercadorias, transportadas em brucas ou cargueiros, sob a direção de um “arrieiro”, acolitado por “tocadores” geralmente escravos ou mamelucos.

As comitivas transportavam itens tão diversos como:

- Gêneros alimentícios (cereais, azeite, vinhos, sal, carnes, açúcar etc.)
- Especiarias e condimentos (cravo da Índia, canela, pimenta do Reino etc.)
- Ungentos e remédios
- Tecidos (veludo, cetim, linho, tafetá, chita, baeta, estopa, anagem, panos da Bretanha e de Hamburgo, cobertores de Castela,

linhas de coser, rendas, fitas, galões, aviamentos em geral)

- Armas, pólvora, chumbo
- Ferragens e ferramentas (ferro, implementos agrícolas, fechaduras, ferraduras, peneiras de arame etc.)
- Louças e vidros
- Papéis e tintas (de escrever, artísticas, livros etc.)

A abertura da Picada ou Caminho de Goiás, devidamente autorizada pelo governo colonial, foi realizada por empreiteiros moradores da Comarca do Rio das Mortes, quase todos ligados à família de Fernão Dias, dentre eles Manoel da Costa Gouveia, Caetano Rodrigues Alvares da Horta, Matias Barbosa da Silva, José Alves de Mira, Maximiliano de Oliveira Leite, Caetano da Silva, André Rodrigues Elvas, Francisco Pais de Oliveira, José Pires Monteiro, Francisco Rodrigues Gondim⁽²⁾. Segundo o conceituado historiador Diogo de Vasconcelos “o Coronel Caetano associou-se com seu filho o Coronel José Caetano Rodrigues da Orta e com seu cunhado o Coronel Maximiliano de Oliveira Leite e irmãos de sua mulher Francisca Pais. O Coronel Maximiliano, por sua vez, associou-se com seu filho o Dr. Francisco Pais de Oliveira. Estes vultos que pertenceram como filhos e netos à família do governador Fernão Dias, tomando a empreitada, revelaram estar com as suas lavras de ouro extintas ou de pouco rendimento no ribeirão do Carmo, pois trouxeram para o serviço da picada os trabalhadores de que dispunham” (“História Média de Minas Gerais” Belo Horizonte, Itatiaia, 1974, p. 171)

Segundo Waldemar de Oliveira Barbosa em sua obra “A Picada de Goiás”, a sua rota alcançava, em linha reta, as cidades de São Tiago, Oliveira, Itapeçerica, Bambuí, Arcos, Iguatama e outras.

Território infestado por quilombolas, foragidos da lei, além de colonos. As primeiras sesmarias, concedidas em 23-03-1737 pelo governo colonial foram as de Roque de Souza, Manuel Alves Gondim e Manuel Martins da Barra, sesmos denominados “Almas”, “Bom Sucesso” e “Mandassaia”, sítios respectivamente nos

(atuais) municípios de São Tiago, Bom Sucesso e Oliveira. Sabe-se que a sesmaria de Francisco Rodrigues Gondim, situada no local “Pouso Alegre”, foi abandonada por volta de 1737, com a evasão do citado sesmeiro, dada as investidas de quilombolas na chamada “paragem do Rio do Peixe”. Vejamos o

que afirma o historiador Tarcísio José Martins acerca do episódio:

“A confederação quilombola do Campo Grande em 1763 já incluía os Goiases. Porém nem em 1746 nem em 1763, poder-se-ia confundir Ibiá que ficava em Goiás com o quilombo que se localizava “entre a dita comarca do Rio das Mortes e a de Goiás”. O domínio quilombola, como se vê escrito na carta de sesmaria de Francisco Rodrigues Gondim, ocorreu no período de 1737 a 1752 em toda a “paragem do Rio do Peixe” para o São Francisco, ou seja de leste para oeste. Tendo fugido de lá em 1737, esse sesmeiro e seus familiares só voltaram para a região do rio do Peixe até a região de Formiga em 1752. Somente em 1744 foi que a vila de São José Del-Rei, conquistando o arraial do Tamanduá, levou até ali a fronteira da Comarca do Rio das Mortes e das Minas Gerais” (In “Quilombo do Campo Grande – história de Minas que se devolve ao povo” pp. 502/503) Ao rodapé, o autor relacionou duas notas: nº 1420 – “Este Rio do Peixe fica na divisa dos atuais municípios de São Tiago (oeste) e Ritópolis (leste)”; nº 1421 – “verbete nº 6009, IMAR/MG Cx. 75 doc.5-AHU e ainda “Achegas à história do Oeste de Minas – Formiga e municípios vizinhos, p.21” – Leopoldo Correia (sobre a carta de sesmaria de Francisco Rodrigues Gondim)

Em célebre carta a D. Maria I, a Câmara de Tamanduá (Itapeçerica) descreve toda essa (nossa) região como dominada por “imensa quantidade de negros aquilombados”. Existiam, à época, diversos quilombos disseminados pelo chamado “Sertão do Campo Grande”, cujo rei Pai Ambrósio, espalhou seu poder pelas Minas Gerais. Os quilombolas provocariam, sem dúvida, um intenso trauma e caos na vida de toda a região, como descreve longamente Luiz Gonzaga da Fonseca em sua obra “História de Oliveira” (p. 37)

Em 1765, a expedição do mestre de campo Inácio Correia Pamplona, em sua segunda entrada pelo Oeste de Minas, foi encarregada de pesquisar riquezas minerais, dizimar calhambolas, índios cataguases e araxás, objetivando a ocupação territorial, o cultivo de terras, a criação de gado vacum e cavalos. Pamplona chefiaria ainda outras expedições ao sertão (nascentes do rio São Francisco e Triângulo Mineiro).⁽³⁾

NOTAS

(1) Sobre a passagem da expedição de Fernão Dias e de outros bandeirantes paulistas ver matérias em nosso boletim nº CXIV – março/2017

(2) A Picada de Goiás, autorizada pelo governador Martinho de Mendonça (1736), na verdade, foi uma iniciativa ou empreendimento privado, cujos sertanistas abridores (empreiteiros) conseguiram vários privilégios como a preferência sobre as sesmarias ao longo da mesma picada, a proibição de outros ali se estabelecerem no prazo de um ano. Tais sesmeiros abridores viram-se, contudo, forçados a se retirarem ante as investidas dos negros aquilombados, que se assenhorearam da região, assaltando, transtornando a vida de sesmeiros e viajantes, o que perdurou até 1743, quando se iniciaram as expedições e ataques aos quilombos, sua destruição, com o reinício da colonização e mineração. (Sobre o Combate aos Quilombos, ver matéria em nosso boletim nº CXIX – agosto/2017)

(3) Sobre a expedição de Inácio Correia Pamplona no ano de 1769, sua travessia por nossa região, ver matérias em nossos boletins nº XCIX - (Matérias sobre o “Caminho de Goiás” (também mencionado como “Picada” ou “Estrada Real de Goiás”) ver matérias em nosso boletim nºs CXIV – março/2017; CXXXII – set/2018 e CXLV – out./2019; XCIX – dez/2015.



Roteiro do Queijo em Minas Gerais

Queijo Minas Artesanal: surpreenda-se em um roteiro pelas regiões produtoras



O queijo produzido em Minas Gerais está entre as opções brasileiras mais requisitadas dentro e fora do país. Com a colonização portuguesa, o estado mineiro foi um dos primeiros produtores deste alimento ainda no século XVII. Atualmente, muitas das queijarias de Minas ainda são artesanais e as certificações garantem a origem para o consumidor final.

Entre as montanhas mineiras, sete microrregiões produtoras se destacam quando o assunto é Queijo Minas Artesanal (QMA, para os íntimos) com certificação de origem: Araxá, Campo das Vertentes, Cerrado, Serra da Canastra, Serra do Salitre, Serra, e Triângulo Mineiro. Conheça alguns produtores na Rota do Queijo.

A tradição na fabricação artesanal do queijo feito nestas regiões rendeu a ele título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A seguir, veja dicas de onde aportar em cada microrregião produtora.

ARAXÁ

Apesar de Araxá ser o nome de um único município de Minas Gerais, o queijo com esta certificação de origem também pode ser das seguintes cidades vizinhas: Tapira, Pratinha, Conquista, Ibiá, Campos Altos, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento e Medeiros.

Experimentar a suavidade do sabor e a delicadeza da textura do queijo destas regiões é aventura pura: para chegar até as queijarias artesanais, passa-se por estradas de terra, entre vales e montanhas.

E se, assim como para nós, seu caso é de muito amor por queijo, vale visitar a Associação Regional dos Produtores de Queijo Minas Artesanal – Queijo Araxá (34 3661 5580 ou 34 988 053 612 – Afrânio Ladeira).

CAMPO DAS VERTENTES

Trata-se de uma grande região queijeira formada pelos municípios de Barroso, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Carrancas, Lagoa Dourada, Madre de Deus de Minas, Nazareno, Prados, Piedade do Rio Grande, Resende Costa, Ritópolis, Santa Cruz de Minas, São João Del Rei, São Tiago e Tiradentes.

Na cidade histórica de Tiradentes, que, além de produtora de Queijo Minas Artesanal, é destino gastronômico famoso no estado e no Brasil, você pode comprar seu redondo na feirinha de artesanato e também degustar o toque especial que ele confere aos pratos de restaurantes e pizzarias de lá.

Ainda nesta cidade, vale conhecer a sede da Associação dos Queijeiros Artesanais das Vertentes da Mantiqueira (AquaVer), presidida por João Carlos Dutra de Ávila Carvalho.

CERRADO

No oeste de Minas Gerais, fica a região do Alto Paranaíba ou do Cerrado, que tem extrema importância para o planejamento e para a



IGREJA DE SANTO ANTÔNIO - TIRADENTES/MG

economia do estado. Um dos setores econômicos locais mais fortes é o agropecuária, que se desenvolveu estrategicamente devido à fertilidade do solo, grande quantidade de água e ao clima ameno. Estas condições facilitaram a produção artesanal de Queijo Minas por lá desde a época do povoamento do estado pai do pão de queijo.

A região do Cerrado é composta pelos municípios de Abadia dos Dourados, Arapuá, Carmo do Paranaíba, Coromandel, Cruzeiro da Fortaleza, Guimarânia, Lagamar, Lagoa Formosa, Matutina, Patos de Minas, Patrocínio, Presidente Olegário, Rio Paranaíba, Santa Rosa da Serra, São Gonçalo do Abaeté, São Gotardo, Tiros e Varjão de Minas.

Para saborear o Queijo Minas Artesanal do Cerrado, indicamos uma visita ou consulta à Associação dos Produtores de Queijo Minas Artesanal do Cerrado de Carmo do Paranaíba e Região do Alto Paranaíba e à Associação dos Produtores de Queijo Minas Artesanal de Rio Paranaíba – Apromar (34 3855 1498 ou 34 999 613 578).

SERRA DA CANASTRA

Além do famoso Queijo Canastra, um dos primeiros produtos a conseguir o Selo de Origem no Brasil, a Serra da Canastra também guarda belezas naturais, como vegetação típica de cerrado e fendas d'água entre morros.

Queijo Canastra é, hoje, uma marca registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) e um produto tombado como Patrimônio Cultural Imaterial. Isso significa dizer que ele só pode ser produzido nas cidades de Bambuí, Delfinópolis, Medeiros, Piumhi, São Roque de Minas, Vargem Bonita e Tapiraí.

São Roque de Minas, pacata cidadezinha rural e tradicional, com arquitetura do século XIX, é uma ótima “boa vinda” ao Parque Nacional da Serra da Canastra. Por lá, os campos rupestres com flo-



CHAPADA DA CANASTRA

res belas e a vegetação típica de cerrado e mata atlântica fazem o ecoturismo local bombar.

No parque de preservação, ainda em São Roque de Minas, holofotes voltados para os protagonistas da região: a nascente do Rio São Francisco e a parte alta da cachoeira Casca d'Anta, com queda livre de 186m. Desça para o município de Vargem Bonita, aproveite o comércio de artesanatos local e, de quebra, conheça a parte baixa da Casca d'Anta.

Além disso, para conhecer detalhes da cultura queijeira da Serra da Canastra, uma boa visita é à sede da Associação dos Produtores de Queijo Canastra do Município de Medeiros – Aprocame (37 988 316 319 ou 37 988 160 196).

SERRA DO SALITRE

Região formada apenas pela Serra do Salitre, na qual se destaca a produção do Queijo Minas Artesanal da Serra do Salitre, muito usado na gastronomia, mas que possui peculiaridades em relação aos outros produtos desta categoria.

Alguns dos redondos do Salitre são cobertos com uma resina amarela, que os protege no processo de maturação e garante sabores mais intensos e ácidos. Se você ficou com água na boca e se encheu de vontade de conhecer os sabores dos queijos produzidos nesta região, não deixe de contatar a Associação Comunitária de Catulé, bem forte na tradição da produção queijeira local.

SERRO

Três séculos de história preservada nas características dos antigos arraiais compõem as atuais paisagens da cidade do Serro. Ela nomeia toda uma microrregião composta por outros municípios como Rio Vermelho, Serra Azul de Minas, Santo Antônio do Itambé, Materlândia, Sabinópolis, Alvorada de Minas, Dom Joaquim, Conceição do Mato Dentro e Paulistas.

Primeira cidade do Brasil a ser tombada como Patrimônio Histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em 1938, Serro é um ótimo local para se visitar. Construções datadas do século XVIII — como a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, as igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora do Rosário e a Capela de Santa Rita — são pontos turísticos que não podem faltar em um bom roteiro de viagem por lá.

Conhecidos por belas cachoeiras e trilhas, os povoados de Milho



Verde, localizado a 22km do Centro do Serro, e de São Gonçalo do Rio das Pedras, a 29km do Centro do Serro, também são boas opções de visitação num roteiro turístico pela região.

Escadarias e ladeiras também acompanham este passeio, já que o Serro fica na Serra do Espinhaço. Por outro lado, toda a queima calórica obtida nas aventuras pela cidade pode ser recompensada saboreando Queijo Minas Artesanal do Serro. Ele fica menos maturado e mais macio e amanteigado que os QMAs de outras regiões do estado, isso, graças ao clima mais frio da região.

Para visitar os produtores da região, você pode procurar pela Associação de Produtores de Queijo do Serro – APAQS, presidida por José Brandão Simões (38 3541 2304).

TRIÂNGULO MINEIRO

A mais recente certificação de região Produtora de Queijo Minas Artesanal foi concedida para o Triângulo Mineiro. O certificado de origem abrange aproximadamente 1.300 produtores das cidades de Araguari, Cascalho Rico, Estrela do Sul, Indianópolis, Monte Alegre de Minas, Monte Carmelo, Nova Ponte, Romaria, Tupaciguara e Uberlândia.

ROTEIRO DOS QUEIJOS FINOS

Campo das Vertentes também é cortada pelo conhecido “Roteiro dos Queijos Finos, no Caminho Velho da Estrada Real”. Com início em Paraty, no estado do Rio de Janeiro, o caminho ruma em direção a Ouro Preto, passando pelas cidades de São Vicente de Minas, Carrancas, Madre de Deus de Minas, Andrelândia, Cruzília, São João Del Rei e São Sebastião da Vitória. Neste trajeto, concentram-se os produtores de queijos europeus, trazidos pelos imigrantes dinamarqueses na década de 1920: gorgonzola, roquefort, azuis, brancos, suíços, camembert, brie, gruyère, gouda, parmesão e chavroux são sabores que você pode experimentar nesta outra viagem.

Fonte: portaldoqueijo.com.br/noticias_queijos



Pequenas reflexões sobre Imprensa Católica no Brasil

Os grupos progressistas criticavam anteriormente que deveria haver mais iniciativas com vistas ao desenvolvimento do país nas dimensões política, econômica, social e que o ensino fosse de forma universal, tendo em vista que na época existiam elevados índices de analfabetismo, dentre outras ações importantes que não alcançavam a população necessitada.

Após a proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889, foi instaurado o período republicando no Brasil, com isso, encerrou-se a monarquia constitucional parlamentarista do Império, e a separação total entre a Igreja e o Estado.

A visão dos progressistas estava baseada no Positivismo, doutrina filosófica surgida na França no século 19 por Augusto Comte (1789-1857). A teoria defende o método científico, a popularização da educação, do conhecimento humano, das relações igualitárias e éticas, deixando de lado especulações metafísicas e teológicas. A frase explícita na bandeira do Brasil, "Ordem e Progresso" traduzia o desejo republicano.

A fundação do Centro e da Liga da Boa Imprensa foi feita com apoio e aprovação do Episcopado Brasileiro, com o objetivo de funcionar em todo o país, e divulgar bons livros com diversos temas referentes ao catolicismo/cristianismo, bem como outras ações importantes da Igreja Católica.

No desenvolvimento das primeiras décadas do século 20, um grupo de católicos de Petrópolis/RJ e do Centro da Boa Imprensa investiu num processo de edição e publicação de periódicos, junto ao trabalho associado com instituições culturais, para que, de certa forma unissem na divulgação de maneiras de "recristianizar" o Estado Brasileiro, e combater alguns erros que julgavam devidos à modernidade e aos inimigos da Igreja Católica. Para alcançar os objetivos, foi feita uma grande mobilização, e teve substancial participação de instituições, leigos, clérigos, jornalistas que se dedicariam exclusivamente à questão. Durante a realização de congressos

foi divulgado um texto de autoria do franciscano Pedro Sinzig, contendo um conjunto de propostas intitulado: "Avante! Brasil Católico". A proposta do texto tornou-se um objeto de análise de comissão.

No final de 1909, após um outro congresso, o texto "Passo Decisivo" definiu como seria o Centro da Boa Imprensa, atribuindo a essa as funções de organizar em todo o país e dirigir a "Liga da Boa Imprensa", por meio de contrato com jornalistas, na escrita de artigos sobre assunto sociais apologéticos, folhetins, correspondências, e ainda solicitar a inclusão de textos em outros jornais e agências de notícias; recolher uma pequena contribuição mensal dos sócios para ajudar na manutenção do Centro; ajudar na fundação de bibliotecas populares e círculos de leituras baseados em princípios cristãos; distribuições de livros gratuitamente; formação de bons jornalistas e escritores; participação e engajamento dos leigos para auxiliar diretamente nesta ação; promoção de congressos, encontros, palestras, edições de bons romances, obras apologéticas e demais livros de sã literatura; contato direto com os secretariados diocesanos. A partir dessas ações, surgiu a organização da imprensa católica no Brasil. Nos primeiros anos, alguns desafios, mas seguiu com a proposta publicando periódicos, jornais, revistas e livros diversos de relevância para a sociedade.

O saudoso Revmo. Pe. José Duque de Siqueira era adepto da Liga da Boa Imprensa. Foi sócio por muitos anos e cumpria a proposta do Centro da Boa Imprensa, inclusive divulgava as ações dessa instituição em São Tiago. Monseñor Eloi muito tempo depois também vivenciou as ações da Boa Imprensa Católica em suas obras e apostolado por onde passou, principalmente em sua terra natal onde pastoreou e deixou sua marca indelével.

Marcus Santiago
Membro do IHGST

SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS



Carlos Soares de Almeida

Nascido em São Tiago, aos 10/01/1943. Filho de Joaquim Rodrigues da Silva e de Dorvalina Almeida de Jesus. Casado com Antônia de Freitas Almeida (Totonha). Teve quatro filhos: Elisa, Carlos Elísio, Edílson e Erivelton (in memorian).

Carlos iniciou sua vida profissional trabalhando como pedreiro pela Prefeitura de São Tiago, anos depois em sociedade com seu irmão José Almeida construiu um bar onde fica hoje a “Padaria do Beijinho” na Praça São Vicente de Paulo, no Cerrado. Tempos depois, construiu seu próprio bar na mesma praça, porém do outro lado. Desde muito cedo Carlos desenvolveu o seu grande talento musical aprendendo a tocar vários instrumentos e também a cantar. Tão logo, o famoso Bar do Carlos tornou-se a Sede Operária.

Nas noites de sexta, sábado e domingo por muito tempo ele e mais músicos da cidade animavam o final de semana dos trabalhadores e idosos com os animados forrós. Pessoas de todos os bairros da cidade vinham para dançar no salão da Sede Operária. A família dele sempre presente ajudando na venda e na portaria para que ele pudesse coordenar, cantar e tocar junto a outros músicos. Eram muitas pessoas que vinham dançar na

Sede que também ganhou um apelido que todos se lembram até hoje, “Tira-roupa”.

No fim da década de 90, por problemas de saúde encerrou as atividades do local. Faleceu em 29/04/2013. Usou do seu talento na música para levar alegria e diversão a todos. Foram mais de 30 anos à frente deste empreendimento, deixando muitas saudades.

Marcus Santiago
Membro do IHGST



Recordando as comemorações dos setenta anos do município

São Tiago 1949–2019

70 Anos de Emancipação Político Administrativa



Segundo a tradição oral, os primeiros habitantes das terras entre o Rio do Peixe e o Rio do Jacaré aqui chegaram em 1708. O objetivo dos europeus era a busca pelo ouro e esmeraldas.

Lentamente o povoamento foi crescendo e a devoção a São Tiago Maior foi se firmando por influência dos europeus-espanhóis que aqui ficaram.

Esta ocupação deu origem ao Arraial, Distrito e, posteriormente, Município de São Tiago. São, portanto, 70 anos de maioridade, de vida própria, desligando-se de Bom Sucesso em 1949. De 18 de janeiro à 16 de abril de 1949 o município ficou sendo governado por intendência pelo Sr. Dr. Edmundo Loures, que, com inteligência, capacidade e carinho, se desincumbiu da honrosa tarefa de organizar os primeiros atos oficiais e preparar a 1ª eleição de Prefeito e Vereadores, impondo-se, assim, à gratidão do povo de São Tiago.

Ao caminhar de forma independente São Tiago teve sua primeira administração regida por um grupo político entusiasmados e responsáveis liderados pelo primeiro prefeito Sr. Joaquim Vivas da Mata e o vice Sr. Henrique Pereira Santiago. A primeira câmara municipal foi constituída de homens probos e dedicados que, sem nenhum salário – era assim na época, esforçaram-se para organizarem os serviços públicos que iam sendo instalados no recém-nascido município.

Lá estavam, para apoiar o prefeito, os primeiros vereadores, Sr. Vicente José Mendes, Francisco Marcos, José Pedro Caputo, Francisco Gonçalves de Moraes, Jairo Navarro de Castro, Francisco Lara Filho, João Batista dos Reis, José Machado da Silveira e José Jacinto Lara. Todos já na casa do Pai Celeste, recebendo a recompensa de que são merecedores.

Vale citar que, da primeira administração, e de seus funcionários encontra-se entre nós apenas a primeira secretária da Câmara Municipal Srta. Zely Rezende, que se orgulha em dizer da responsabilidade e do interesse daqueles primeiros vereadores em apresentar projetos de lei para a melhoria do município. A ela, testemunha viva dessa página bonita da nossa história, uma saudação especial por seu trabalho de tantos anos na prefeitura.

Outros prefeitos, vice-prefeitos e vereadores se sucederam em busca de progresso para nossa amada terra. Cada qual fez, ao seu tempo, o melhor que pôde e o que lhe foi possível, de acordo com os recursos da época. Todos realizaram obras, festas e contribuíram para que São Tiago chegasse ao que é hoje: um município desenvolvimentista, democrático e respeitado.

Aos governantes nunca faltou o apoio da comunidade e dos líderes religiosos católicos com destaque ao Pe. José Duque de Siqueira e Monsenhor Elói.

A história de um município é uma construção em que lideranças se unem aos que detêm o poder e, juntos, fazem o progresso e a felicidade do povo.

Esse aniversário de 70 Anos é fruto da união e do esforço de muitos São-Tiaguenses.

Os governos municipais que se sucederam, todos eles tiveram sua importância e contribuíram para este momento de celebração.

Citamos, sucintamente, os administradores que passaram pela prefeitura deixando sua marca e escrevendo páginas de nossa história, com suas peculiaridades e seus projetos.

Foram eles: Joaquim Vivas da Mata, primeiro prefeito, que organizou a prefeitura com seus serviços, mobiliário e nomeou os primeiros funcionários, seu vice Henrique Pereira Santiago.

2ª Administração: Prefeito – Octávio Leal Pacheco

Vice – Geraldo Martins

3ª Administração: Prefeito – José Resende Santiago

Vice – Francisco Marcos

4ª Administração: Prefeito – Octávio Leal Pacheco

Vice – Joaquim Vivas da Mata

5ª Administração: Prefeito – Antônio Belfort da Mata

Vice – Benjamim Amadeu de Almeida

6ª Administração: Prefeito – Raul Wilson da Mata

Vice – José Resende de Carvalho

7ª Administração: Prefeito – Nilson Caputo de Resende

Vice – Antônio Ribeiro de Paiva

8ª Administração: Prefeito – Guido Dirceu Reis

Vice – Rubens de Oliveira Mata

9ª Administração: Prefeito – Raul Wilson da Mata

Vice – Adeildo Lopes de Resende

10ª Administração: Prefeito – Guido Dirceu Reis

Vice – Sebastião Maurílio Santiago

11ª Administração: Prefeito – Francisco Aristeu Pereira

Vice – Raul Wilson da Mata

12ª Administração: Prefeito – Miguel Salomão Neto

Vice – Tomaz de Freitas

13ª Administração: Prefeito – Francisco Aristeu Pereira

Vice – Blair da Costa Vieira

14ª Administração: Prefeito – Geraldo Lindomar de Freitas

Vice – Marcos Alexandre de Almeida

15ª Administração: Prefeito – Denílson Silva Reis

Vice – João Henrique Pereira

16ª Administração: Prefeito – Denílson Silva Reis

Vice – João Henrique Pereira

17ª Administração: Prefeito – Irimar José Mendes

Vice – Anilton José de Assis

18ª Administração: Prefeito – Denílson Silva Reis

Vice – Marino da Assunção Coelho

Há que se destacar, nestes 70 anos de governo, que exerceram o cargo de Prefeito, por motivos diversos, os vice-prefeitos: Joaquim Vivas da Mata, José Jacinto Lara e Tomaz de Freitas.

Todos os prefeitos trabalharam e trabalham apoiados na Câmara Municipal e pelos Conselhos Municipais que representados pela sociedade civil participam diretamente das decisões que impactam na vida de cada cidadão São-Tiaguenses. Rendemos homenagens e gratidão a todos os conselheiros, ex-vereadores e aos atuais pelos serviços prestados ao Município.

Aos ex-prefeitos e vices e a atual administração o preito de gratidão do povo de São Tiago, que tem a lembrança do passado e os olhos no futuro por uma cidade cada vez melhor.

São Tiago é isso:

Terra amada por nós,

Admirada pelos visitantes,

Respeitada no cenário dos municípios mineiros.

São Tiago é exemplo de trabalho e desenvolvimento.

É terra abençoada que, sob a sombra do chapéu de seu padroeiro,

Caminha dentro dos princípios da ordem, da fé e da fraternidade.

Salve terra querida!

São Tiago, julho/2019

Maria de Lourdes Rezende (Cairu)

AVES AVISTADAS EM NOSSO MEIO

SIRIRITINGA

Observado no último dia 20 de junho, na zona urbana (Catimbau/margens da BR-494) ao entardecer, um casal de Siriritinga. Trata-se de uma ave passeriforme da família tiranidea, de cor escura com rajas claras. Conhecida popularmente, conforme a região, por bem-te-vi preto (ou rajado), bem-te-vi cavaleiro, bem-te-vi do mato, bem-te-vi araponga (Descourtilz), bem-te-vi carrapateiro, soluço etc. Nome científico *Myiodynastes solitarius maculatus* (Vieillot 1819) (Grego muia – mosca; dinastés – governante, dinasta; Latim *maculatus* – manchado, com manchas; “governante de moscas manchado”) Batizado pelo botânico Descourtilz como “*tyrannus audax*” (tirano audacioso ou valente)

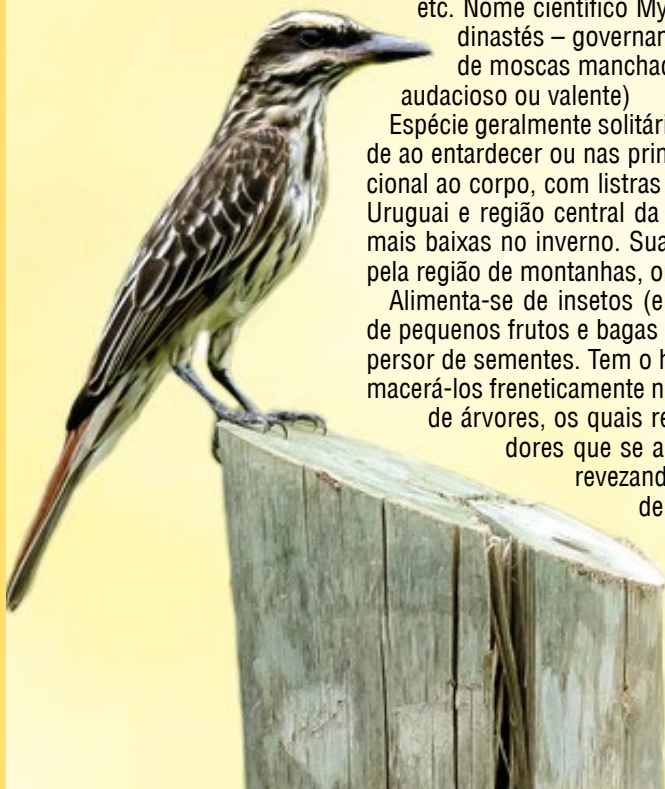
Espécie geralmente solitária, arredia, arrojada, cantando e se movimentando com mais intensidade ao entardecer ou nas primeiras horas do dia. Destaca-se pelo enorme bico e cabeça desproporcional ao corpo, com listras superciliares brancas. A siriritinga ocorre no sul do Peru ao Paraguai, Uruguai e região central da Argentina e Brasil. Como realiza migrações sazonais, busca latitudes mais baixas no inverno. Sua presença é mais frequente na estação das águas, optando, contudo, pela região de montanhas, onde há matas, nos períodos mais secos.

Alimenta-se de insetos (em especial cigarras, vespas, borboletas) que apanha em vôo e ainda de pequenos frutos e bagas maduras da canela brava e embaúba, sendo, por isso mesmo, um dispersor de sementes. Tem o hábito de, ao capturar insetos de maior ou grande tamanho, batê-los e macerá-los freneticamente nos troncos das árvores, atordoando-os até a morte. Aninha-se em ocos de árvores, os quais recheia com folhas e capins. Agressivos contra qualquer tipo de predadores que se aproximam dos ninhos. Incubação de ovos no período de 16, 17 dias,

revezando-se o casal na alimentação dos filhotes, deixando estes o ninho cerca

de 3 semanas após a eclosão (nascimento) Tais aves já foram observadas nidificando em postes urbanos. Habita matas ciliares, cerradões e mesmo matas secas ou de várzea. Dada a sua pelagem rajada, camuflam-se bem dentre o arvoredo, geralmente no alto dos galhos e poleiros. Seu canto é levemente anasalado, breve, rouco e intercalado, parecendo um longo soluço, quando não guinchos.

Família estudada e classificada em 7 subespécies já conhecidas por vários cientistas: Stadius Muller (1776), Vigers (1825), Ridgway (1887), Zimmer (1937), P.L.Sclater (1859), Vieillot (1819).



Observado recentemente na área central da cidade (São Tiago) um casal de macucos, ave tinamiforme da família tinamidae e o maior representante da espécie na Mata Atlântica. Seu nome “macuco” vem do tupi-guarani “mocoico-erê” ou “maam-kuku” (“maam” – coisa; “kuku” comedor, glutão -que come muito) ; já seu nome científico “*tinamus solitarius*”(Vieillet 1819) vem de “tinamus” (do idioma indígena galibi, Guiana Francesa) e “solitarius” (do latim “solitarius” – solitário, só)

Ave galinácea com cerca de 52 cm, peso aproximado de 2 kg. As fêmeas geralmente são maiores e mais pesadas do que os machos. Coloração em geral acinzentada com matizes verde-oliva e desenho críptico nas pernas traseiras (retises) Alimenta-se de bagas, sementes, coquinhos, frutas, insetos, vermes etc. Quanto à reprodução, a incubação é feita pelo macho, geralmente 2 a 3 ovos, no período médio de 20 dias. Ovos de coloração verde azulada. Os filhotes são criados com grande cuidado parental. Ninho rudimentar feito, via de regra, entre raízes de grandes árvores ou de troncos caídos.

Ave caçada ilegal e criminosamente por mateiros, traficantes de animais etc Ameaçada de extinção, havendo tentativas bem sucedidas de criações em cativeiro. Habita a Mata Atlântica, geralmente em matas fechadas, próximas a riachos, pois apreciam muito banhos, em encostas pedregosas, grotas, locais que dificultam a ação de predadores terrestres. Seu canto ou vocalização é um pio agudo, bem espaçado e, por vezes, um chororocado com pios seguidos, lamuriosos. O desmatamento tem sido outro grande inimigo do macuco, pois não se adaptam em matas secundárias ou de pequeno porte.

MACUCO



DIETRICH BONHOEFFER UM MÁRTIR CRISTÃO

Dietrich Bonhoeffer nasceu aos 04-02-1906 em Wroclaw na Alemanha. Foi um pastor luterano, pioneiro do movimento ecumênico, defensor dos judeus perseguidos e ativo combatente da resistência ao Terceiro Reich (Regime Nazista). Como tantos outros milhares de cristãos, de todas as ordens e congregações, deram suas vidas em holocausto durante os diabólicos regimes nazista e comunista, que infestaram a humanidade no século XX. Era o 6º filho, dentre oito, de uma família de classe média alemã. O pai era conceituado médico neurologista em Breslau, tendo a família se mudado para Berlim em 1912. Dietrich iniciou seus estudos de Teologia e Filosofia em Tübingen, formando-se em 1927 em Berlim com a apresentação da tese “Comunhão dos Santos” (Sanctorum Communio). Ordenou-se em 1932. Foi pastor da comunidade protestante alemã em Barcelona, tendo estudado ainda na Theological Union Seminary de Nova York. Retornando à Alemanha, lecionou Teologia Sistemática na Universidade Friedrich Wilhelm (hoje Universidade Humboldt).

Com a ascensão do nazismo na Alemanha, Dietrich tornou-se um ativista da resistência, combatendo a ideologia de raças (supremacia da raça ariana pregada pelo nazismo) e ainda o culto a Hitler, o que lhe valeu a proibição de acesso a rádios de ensinar, de trabalhar e finalmente de falar e escrever! Realizou, no período, inúmeras viagens internacionais, mas entendia que sua missão era na Alemanha. Preso pela Gestapo em 1943, acusado de subversão das forças armadas e de conspiração contra Hitler. Após dois anos preso, foi condenado à morte juntamente com vários outros resistentes, sendo executado aos 09-04-1945 no campo de concentração de Flossenbürg. As cartas e anotações escritas durante a prisão dão uma visão de seu trabalho pastoral e pensamento teológico, comprovando e consolidando uma fé inquebrantável. Após a guerra, seus escritos de cárcere foram reunidos no livro “Resistência e Submissão” com inúmeras edições até os dias atuais. O texto “Maravilhosamente protegido por bons poderes”, redigido entre 1944/1945, é um verdadeiro hino cristão, muito conhecido e difundido.

Dietrich Bonhoeffer foi um extraordinário teólogo, poeta e pensador alemão, considerado um dos maiores exemplos do protestantismo moderno, utilizando-se da poesia em sua vida devocional, sermões e epístolas. Homem de profunda sensibilidade teológica e estética, de reavivamento, de desassombro ante o perseguidor cruel e a consciência da Presença



e Ação de Deus em meio ao terror brutal e institucionalizado. Vários de seus poemas ganharam dimensão mundial dentre eles “Quem sou eu?”, “Por bons poderes” etc. O retrato da fragilidade humana ante a admiração geral e grandeza de Deus. A precariedade do momento em que vivia e seu senso de conforto, de confiança e fé manifesta

Relata, através da oração, suas experiências e de outros colegas na prisão, descrevendo a emoção de todos na cela – desalento, solidão, inquietude, amargura (“inquieto, ansioso, doente como um pássaro na gaiola tentando respirar o ar da vida”) Louva o Senhor em meio a toda a angústia, confiando em Sua Bondade, de que não lhe será atribuído peso maior que ele pudesse carregar. Compartilha seu destino ao de Jesus, que fora também preso e desdenhado. Bonhoeffer nos mostra o caminho da oração em, qualquer situação, mesmo naquelas onde não há o que se esperar. O pertencer integralmente a Deus, entregar-se a Ele, reconhecê-Lo, sentir-se totalmente aceito e amado por Ele.

Obras póstumas: Ética (1949); Tentações (1953); O mundo maior de idade (1955)

Um modelo, um testemunho inequívoco para todos nós, cristãos!

OS MONTES DA CAPELA SENHOR DOS MONTES

PARTE 1: AS VITÓRIAS BRASILEIRAS SOBRE OS MONTES ITALIANOS

Antes da ampliação da Capela Senhor dos Montes havia uma marquise à frente da porta de entrada principal. Em ambos os lados foram pintados painéis que já ambientavam o visitante para o que iria encontrar no interior da Capela. O objetivo desse primeiro texto é descrever os painéis do lado direito que lembram as vitórias dos pracinhas brasileiros nos montes italianos (painel VI) e o local onde foram enterrados os que morreram na Segunda Guerra Mundial (Painel VII). Nem é preciso lembrar que o Monsenhor Francisco Elói, idealizador da obra, esteve lá como capelão de guerra!

No livro de tomo da paróquia, em anotação de 1984, página 92 (verso) o próprio Monsenhor Francisco Elói descreve esse painel e seu objetivo. “Homenagem ao Senhor Deus dos Exércitos que proporcionou à FEB brilhantes vitórias nos montes Castelo, Castelnovo e Montese, pelo 11º RI Regimento de Infantaria Tiradentes, São João Del Rei – Minas Gerais”. Além disso, para o relato abaixo, precisou-se de pesquisas a partir dos indicativos do painel em páginas do Exército Brasileiro. Vamos ponto por ponto! Abaixo à direita, vemos um símbolo em que consta uma cobra fumando. Surge por causa da frase que dizia que seria mais fácil uma cobra fumar cachimbo do que o Brasil participar da guerra. Ela foi muito repetida antes do país enviar 25 mil pracinhas para lutar ao lado dos aliados contra o nazismo e o fascismo, durante a Segunda Guerra Mundial. Foi a partir daí que surgiu o símbolo da FEB (Força Expedicionária Brasileira), a cobra fumando cachimbo. “A cobra vai fumar!” passou então a ser o lema da FEB e aparece em diversos registros da época. A cobra fumando aparecia, inclusive, nos uniformes das tropas. O símbolo à esquerda da tela, acima. Os aliados contavam com soldados de muitas nações diferentes. Como organizar tantos soldados para bem vencer a guerra? O caminho foi uma integração de forças sob o comando dos Estados Unidos. A divisão Brasileira foi integrada ao IV corpo do Exército Americano, sob o comando do general Willis D. Crittenger, este por sua vez adscrito ao V exército dos Estados Unidos comandado pelo general Mark W. Clark, que estava inserido no XV Grupo de Exércitos Aliados. Acima à direita vemos o símbolo do A5 (Quinto Exército Americano). Esse foi uma das principais formações do Exército dos EUA no Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial. Entre tantas missões foi responsável por planejar a invasão na Itália. A FEB foi integrada a esse corpo do Exército Americano, como já dito acima. O General Willis D. Crittenger que, liderando a FEB, foi quem tomou Monte Castelo, onde os alemães estavam fortemente instalados em território italiano, tornando possível a vitória



dos aliados. Esse monte situado ao norte da Itália foi palco de uma batalha (chamada batalha de Monte Castelo) entre as tropas aliadas e as forças do Exército Alemão, que tentavam conter o seu avanço no Norte da Itália. Esta batalha marcou a presença da Força Expedicionária Brasileira (FEB) no conflito. A batalha arrastou-se por três meses, de 24 de novembro de 1944 a 21 de fevereiro de 1945, durante os quais se efetuaram seis ataques, com grande número de baixas brasileiras devido a vários fatores. Quatro dos ataques não tiveram êxito, por falhas de estratégia. No painel, ao centro, debaixo do triângulo se vê a referência a esse monte. Algumas semanas após o êxito na árdua Batalha de Monte Castello, no início de março, as tropas nacionais foram empregadas em mais um passo importante para o avanço das Forças Aliadas na Europa. Os pracinhas enfrentaram campos minados e pesado fogo alemão durante a Batalha de Castellnuovo, uma aldeia da comuna de Vergato, de onde a FEB saiu vitoriosa. Também se vê a referência a esse combate no triângulo ao centro do painel. O símbolo à esquerda, abaixo no painel refere-se ao brasão do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º BIMth), na época da Segunda Grande Guerra conhecido como 11º Regimento de Infantaria (Por isso, 11 RI). A participação do "Onze" na Segunda Guerra Mundial foi, sem dúvida, o capítulo mais importante em sua rica história. Como destaque tem-se a conquista da localidade de Montese, situada em terreno montanhoso e fortemente defendida pelos alemães como último baluarte a barrar o avanço das tropas aliadas na direção do Vale do Pó (também conhecida como Planície Padana). A vitória em Montese, em abril de 1945, foi fundamental para que os aliados conseguissem vencer a Guerra. Por isso, a atuação dos pracinhas brasileiros foi enaltecida pelos comandantes aliados. Também há alusão a essa batalha no triângulo ao centro do painel.

Painel ao lado. Painel VII.

Em dezembro de 1944, após os meses iniciais do emprego operativo da FEB em solo italiano, foi instalado o Cemitério Militar Brasileiro na cidade de Pistoia. Em maio de 1945, ao término da guerra, o Brasil contabilizava a morte de 465 militares na Campanha da Itália. Destes, 457 integravam o efetivo do Exército Brasileiro e oito eram oriundos da Força Aérea Brasileira. O Cemitério de Pistoia foi o sepulcro dos heróis brasileiros até 1962, quando então seus despojos foram exumados e trasladados para o Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial, na cidade do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, o Cemitério foi desativado e, em 1967, o terreno que o abrigou cedeu lugar ao Monumento Votivo Militar Brasileiro.

Percebemos então que esses dois painéis são uma aula de história de um capítulo importante do Brasil. Assim como da vida pessoal do Monsenhor Francisco Elói. Imagino um professor de história com seus alunos e, com essas informações, diante desse painel. Seria uma forma diferente de contar os acontecidos. De fato, o objetivo do Monsenhor seria realmente deixar uma memória para as novas gerações: “Saiba a posteridade, imitar os feitos gloriosos dos antepassados”.

Padre Sebastião Corrêa Neto
Pároco da Paróquia São Tiago Maior e Sant’Ana





OS MONGES A LEPROSA E A DEUSA VAJRA YOGINI

Certa vez, dois monges tibetanos em peregrinação, chegaram a um caudaloso rio. Lá encontraram uma horrenda leprosa, sentada às margens, pedindo esmolas. Quando os monges se aproximaram, ela implorou-lhes que ajudassem-na a atravessar o rio. Um dos monges sentiu instintiva repulsa e enojado, enrolou suas longas e esvoaçantes vestes monásticas em torno de si e vadeou sozinho o rio, logo chegando ao outro lado. Lá ficou pensando se valia a pena esperar pelo companheiro, pois desconfiava que o outro monge desejasse que a leprosa os acompanhasse na viagem.

O segundo monge, todavia, condeou-se da velha decrépita, pois a compaixão florescia naturalmente em seu coração. Ele tomou a leprosa, colocou-a nas costas e desceu com esforço a ribanceira até atingir as agitadas águas do rio. Como seria de esperar, o primeiro monge alcançara a segurança da outra margem, muito antes que esse lama, carregando sua carga putrefata de carne e ossos, houvesse chegado sequer à metade do rio.

Então, algo surpreendente aconteceu. No meio do rio, justo quando a travessia ia se tornando cada vez mais difícil e perigosa, com as águas lamacentas e revoltas alcançando a cintura e a sua túnica de lã encharcada se inflava como velas ao vento, o bondoso monge, miraculosamente, sentiu o fardo se levantando de suas costas. Olhando para cima, viu e reconheceu a deusa da sabedoria Vajra Yogini em pessoa, pairando graciosamente no ar e puxando-o para si e levando-o consigo às dimensões do Paraíso.

O primeiro monge, mortificado até o fundo da alma, percebendo que os ensinamentos da natureza da compaixão e das formas ilusórias, até então lhe foram inúteis, precisou continuar sozinho a sua peregrinação a pé.

(Texto do Budismo Tibetano)

APONTAMENTOS/CURIOSIDADES

Os filhos de Alberto Luz Santiago (Beco) e Valdemira Mendes Santiago são:

1- Araci; 2- Maria da Conceição; 3- Tiago; 4- Maria Luiza; 5- Luz Berto; 6- Maria Dimas.

José Resende Santiago e não José Pereira Santiago.

Maria Santiago Mendes (Naná) e não Maria Cristina Santiago.

José Andrade Santiago (José Juca) e não José Juca Santiago.

João Simião Santiago (Bibico) e não Eurico Pereira Santiago (Bibico)

Onorico Pereira Santiago e não Dão – João Pereira Santiago – Dão

APELIDOS DE A A Z – SÃO TIAGO

Com, Augusto, Bastião, Chico, João, Maria, Tonho, Zé, etc.
Brincadeira: A todos peço-lhes desculpas

Aos falecidos que descansem em Paz

Sátira: Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago (Béco)

A – Avião, Alemão

B – Béco, Bebeco, Bibico, Bôca-Rica, Beleza, Bonitinho, Belinha, Beto, Betinho, Batata, Batatinha, Boné, Baratinha, Baínho, Baiano, Banana, Bangué, Bolão, Bolinha, Balaio, Boi, Bezerra, Bigode, Bambu, Broa, Bolero, Bieba, Bota(calçado), Besouro, Bitura, Bastião, Biongo, Bilg, Bilisquete, Branca, Branco, Bigode, Bivar, Boquita, Burrinho.

AVISO DA HUMANIDADE

Sátira – autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago (Béco)

1- **Volto já!** Dia 29 de fevereiro

2- **Estamos de luto!** Funerária: 02 corações

3- **Fechado par o almoço!** Estamos dentro do restaurante

4- **Prato do dia!** De lousa

5- **Amanhã não vamos trabalhar!** Será 1º de maio

6- **Fechado para balanço!** Nosso Patrão está na gangorra.

7- **Não vendemos fiado!** Aqui a loja é de Retalho

8- **Farmácia Dona Sara!** Com seu colírio, melhorei.

9- **Aqui Assa Biscoitos!** Churrasco e Frango.

10- **Temos pastéis de carne!** E de batata também.

Observação: Agradeço ao Prof. João Pinto de Oliveira juntamente aos Diretores do Jornal Sabores e Saberes de São Tiago, a oportunidade de ter uma coluna de conhecimento relatados por minha pessoa: a todos meus sinceros agradecimentos,
Tiago do Rosário Mendes Santiago (Béco)

PROFISSÕES E PERSONAGENS DE ANTIGAMENTE

Por Jair Vicente de Andrade ("Jair da Purina")

Tentaremos descrever, principalmente para os sortudos que estão cursando a terceira idade, ou mais. Alguns personagens que nos deixaram grandes recordações saudosas de um período que não sabíamos que éramos felizes.

Em décadas passadas nos bons tempos, apareciam normalmente ao entardecer, e à noite, muitas vezes muito fria, os vendedores que procuraremos lembrar em suas atividades.

O LEITEIRO

Aparecia ao raiar do dia, e silenciosamente colocava uma ou mais garrafas de leite no sopé de nossa porta, sem fazer qualquer ruído. Essas garrafas eram de vidro, com tampa de papelão branco, com desenho interno de uma vaca em cor escura, que nos dava uma bela visão do produto.



O PADEIRO

Lá pelas seis horas da manhã, ou antes, infalivelmente aparecia, com a consciência de que as crianças precisavam ser alimentadas antes do horário escolar. Os pães eram embrulhados no chamado papel de pão, de cor cinza, e deixados em nossas janelas com o soar do alerta: - PADEIRO!!!

A VERDUREIRA

Também pela manhã em torno das sete matinal, com seus grandes balaios carregados num dos braços ou carrinho de mão, apregoando: - VERDUREIRA!!!

Ofereciam diversas verduras, ervas e frutas, colhidas horas antes, com a nossa completa confiança, pois não existiam agrotóxicos.

O AMOLADOR DE TESOURAS

Aparecia na parte da manhã, vindo sempre pelo meio da rua, num horário que sabidamente não incomodaria às mulheres em seus afazeres culinários.

Trazia consigo uma música aguda, que tirava de sua roda de amolar, essa engenhoca que tocava com um pedal, usando uma lâmina, para anunciar a sua presença.

O VENDEDOR DE AREIA

Vinha antes do almoço. Seu produto era a areia branca, muito fina, apanhada nas fraldas da Serra do Lenheiro e também das montanhas que compunham a Serra de São José. Era oriunda de pequenos pedregulhos que se deslocavam das rochas com a força das águas das chuvas e vinham rolando serra abaixo se reduzindo em pequenas partículas, no atrito com as pedras, até chegar ao sopé da serra.

Esses vendedores eram garotos, ou melhor meninos de dez ou onze anos. Carregavam às suas costas um saco de pouco mais de dez quilos. Essa areia refinada era usada para arear vasilhas e panelas que ficavam sujas do carvão dos fogões à lenha; e bacias de banho ou de cozinha onde se juntavam os vasilhames para lavar.

Esse produto era medido em canecas de folha de flandres de 250 gramas. Era oferecido de casa em casa, e quando recebiam um negativo, sempre mencionavam:

- Ô Dona!! Só uma canequinha para diminuir o peso...
 Naquele tempo, após seu caminhar, seu rosto e cabeça tornavam-se brancos com a poeira da areia.
 Continuava o seu andar cantarolando: OLHA ARIIEIA!!!

O VENDEDOR DE CANJICA

Era tradicional que logo no início do inverno e durante todo esse período lá estava ele anunciando seu produto, transportado em um carrinho adaptado para tal comércio, com duas latas de vinte litros, reluzentes por fora e na parte de baixo das mesmas, um braseiro que emitia calor, mantendo-as sempre quentes. Este foi um personagem inesquecível, com seu alarido inconfundível: CANJIQUEIROOO!!!

O VENDEDOR DE BOLINHO DE MANDIOCA

Também apareciam nas tardes, com seu produto muito apreciado pelos adultos, e que hoje, ao lembrar, nos enche a boca d'água das delícias de outrora.

O VENDEDOR DE PINGUELIN

À tarde tínhamos o vendedor de Pinguelins. Aparecia com seu latão às costas, de tempos em tempo o apoiava no chão. Em seu interior continha o produto que era um canudo de casquinha que desmanchava na boca, sendo muito apreciada pelas crianças e pelos adultos. Na tampa desse latão havia uma roleta, "Jaburu", com numeração para incitar a criança a girá-la na esperança de ser contemplado com a sorte de conseguir mais de uma guloseima.

O VENDEDOR DE AMENDOIM TORRADO

Quase todos os dias ao findar das tardes, aparecia o nosso vendedor, divulgando seu amendoim torrado, conduzido em uma lata com braseiro embaixo, com alça de arame grosso, e na parte de cima uma tampa quente com os pacotes já preparados com ou sem sal.

O VENDEDOR DE BOLINHO DE FEIJÃO

Este era um dos ambulantes notívagos, com o seu prenunciado inconfundível: Ê Ô Ô... E Ô...BOLI...Ê O BOLIEIROOO!!!

Tínhamos a impressão que em seu cantar havia um lamento nostálgico, um certo romantismo, que nos impulsionava a adquirir seu produto, que por sinal era delicioso. Este personagem também marcava o horário de irmos para a cama:

- Crianças! O Bolieiro já passou, está na hora de dormir.

Que importante figura do nosso folclore noturno.

A LAVADEIRA

As lavadeiras eram sempre vistas nas segundas e sextas-feiras. Nas segundas nós a encontrávamos carregando em suas cabeças as trouxas de roupas sujas, bem amarradas impedindo que se desmanchassem. Nas sextas eram vistas na entrega das mesmas já lavadas. O formato do volume já se diferenciava para um retangular, de diversos tamanhos, muito bem feito, como se fosse para presente.

Temos aqui a protagonista que promoveu a escrita dessas reminiscências.

Vamos lembrar Dona Joana, uma senhora de meia idade, de porte pequeno, franzina, bastante ágil em seus movimentos, mas muito ingênua em suas perguntas e respostas.

Certa vez em uma de suas visitas à uma freguesa, Dona Joana se anuncia na porta; LAVADEIRAAAA! É atendida pelo marido da cliente, que alerta a patroa com o seu costumeiro modo de a tratar:

- MÃE! A lavadeira chegou!

A patroa chega à porta, entrega à Dona Joana a trouxa e escuta:

- Seu filho já é bem grande, né?

A patroa, chateada comenta:

- Como é possível ser meu filho, não vê que é meu marido!

Na sexta, na entrega da roupa, Dona Joana foi dispensada.

Fonte: sajojoadel-rei.blogspot.com

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA



Nas décadas de 50, 60 era muito gostoso “se criança” na nossa cidade de São Tiago. Vivíamos situações bastante interessantes.

Pelos menos, três vezes por ano, chegava um “circo” em São Tiago, época muito esperada pela meninada e pelos adultos também.

Era uma expectativa incalculável quando a notícia esperada e íamos para a Pracinha assistir aquele maravilhoso espetáculo, a chegada do circo. Muitos caminhões coloridos, trouxas de chitão vistosas, jaulas com animais, muito aparato (tábuas, cordas, correntes, trapézios, lâmpadas coloridas, plásticos vermelhos, enormes). As casinhas iam sendo montadas com esmero e habilidade! Ficávamos todos curiosos assistindo tudo aquilo e já prevendo as “mirabolâncias” que ali aconteceriam nos próximos dias.

E logo no dia seguinte um som estridente no alto-falantes avisava sobre a programação e horário dos espetáculos.

O mais interessante eram os palhaços saindo pelas ruas com grandes chapéus, com suas roupas coloridas de cetim com bolas, muita alegria, seguidos por um bando de “moleques” gritando e os outros respondiam:

- _ Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor!
- _ Hoje tem goiabada? Tem sim senhor!
- _ Hoje tem marmelada? Tem sim senhor!
- _ E o palhaço o que é? É o ladrão de mulher!

Enquanto isso, a lona enorme era amarada, geralmente vermelha com estrelas azuis e lá no alto bandeirolas coloridas tremulando e o nome do circo bem visível numa faixa enorme com tintas brilhosas. Moças bonitas e bem maquiadas, de corpos esbeltos, passavam pela entrada com sorrisos largos, convidando “o povo” para entrarem e assistir ao espetáculo.

A bilheteria bem iluminada, as filas iam sendo formadas e lá dentro... pura alegria: luzes, confetes, música animada, rufar de tambores, picadeiro em destaque, fartas cortinas coloridas, serragem no chão e altos trapézios erguidos onde esbeltos artistas davam um show. A plateia ficava dividida: os mais abonados assentavam nas cadeiras forradas com panos, bem próxima ao centro do palco (lógico que o preço era bem mais caro) e ou outros nas arquibancadas de tábuas emendadas nos suportes, geralmente uns 5/6 lances de degraus (bastante desconfortável). Porém também era legal ficar lá em cima, onde a gente colocava a mão no teto da lona (parecia pertinho do céu de tão alta). Sempre por debaixo das arquibancadas, nas tábuas baixas, um “guri” querendo assentar, tinha aproveitado o descuido de algum funcionário e levantado o pano/plástico entrou correndo de graça. Já existiam essas turminhas previamente formadas em todos os espetáculos e sempre concretizavam suas proezas. Os artistas do circo interagiam o tempo todo com a plateia. Lá dentro e fora do circo não faltavam algodão doce, maçã do amor, pirulito nas tábuas furadinhas, bico de bala, pipocas etc. Fumaças, som alto, figurantes, completavam o cenário.

Antes da sessão, normalmente soavam três sinais. O coração ficava sobressaltado no peito quando acontecia o terceiro. Tudo era emocionante lá dentro. Nós crianças com aquela pureza de alma, acreditava que até as mágicas eram verdadeiras. Normalmente no último dia, exibiam um “drama”. Era muito esperado e divulgado. E neste clima de magia e emoções, vivíamos por um mês nessa alegria e vibração e também quando no desmonte do circo, ficávamos com o coração partido.

Maria Elena Caputo de Castro